



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

2º ciclo do 2º bimestre do 9º ano

Eixo bimestral: **CONTO**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Andreza Nora

Conteudistas

Fernanda Demier

Tânia Mikaela Roberto

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2014



O QUE ENSINAR?

LEITURA

- **Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito**.
- **Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.**
- **Identificar e comparar os gêneros em questão.**
- **Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e o africano.**

USO DA LÍNGUA

- **Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.**
- **Identificar o uso dos discursos direto e indireto.**

PRODUÇÃO TEXTUAL

- **Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.**

COMO ENSINAR

As propostas de trabalho e as referências bibliográficas que estruturam esta seção se direcionam, especificamente, às habilidades/competências focalizadas neste 2º ciclo. No entanto, observando a possibilidade de desenvolvê-las por estratégias semelhantes, optou-se por reuni-las em três sequências didáticas. Dessa forma, espera-se conferir mais clareza e dinamismo à seção.

Você verá que, para cada uma das sequências didáticas, há um quadro-síntese, em que se destaca a temática central da sequência e as habilidades que a estruturam. Observará, também, que as sequências foram divididas em *passos*, nos quais se introduzem os conteúdos a serem trabalhados.

Sequência didática 1: O gênero literário “conto”

Nesta primeira sequência didática, foram agrupados dois descritores: um de Leitura e um de Uso da Língua relacionados ao estudo do “conto”. A apresentação desse gênero literário possibilita uma compreensão maior sobre sua importância para a literatura e os elementos que compõe o seu enredo.

Eixo Leitura:

-Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Eixo Uso da Língua:

-Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

INTRODUÇÃO

Os contos são narrativas cuja origem é de difícil precisão. Fato é que contar histórias constitui-se em hábito comum às civilizações, mesmo em culturas ágrafas, nas quais essas histórias sobreviveram através dos tempos por conta da transmissão oral.

Um aspecto que pode ser ressaltado em sala de aula é que esse tipo de narrativa foi fortemente influenciada pelos europeus, que nos trouxeram contos representativos de sua multifacetada cultura, talvez com maior força que outros povos, por ser, então, uma “cultura dominante”. Para isso, muito contribuiu o fato de grande parte de suas narrativas terem sido publicadas em livros, não dependendo da oralidade para a sua sobrevivência.

Ressalta-se, também, que, além dos contos publicados em livros, muitos contos de tradição oral, popularizados, através de fábulas, “causos” e até mesmo cantigas de

rodas, têm origem europeia. Esse legado popular enriquece o painel literário brasileiro e tem grande importância na formação cultural do nosso país.

Os contos ditos populares, especificamente, obedecem a uma moral e, didaticamente, levantam discussões sobre conflitos humanos. Pelo convite à reflexão sobre a vida concreta, o trabalho com esse gênero revela-se estimulante, pois o conto ultrapassa a narrativa de aspectos mágicos, fantásticos ou de encantamento – categorias com as quais a maior parte dos alunos já teve algum contato em sua vida escolar.

Além disso, essas narrativas populares ajudam a situar a provável origem do gênero textual “conto”, muito embora, hoje, a crítica especializada estabeleça a demarcação de uma nítida fronteira entre o conto de tradição oral, tido como popular, e o conto de tradição literária. Enquanto as fábulas, lendas, casos de assombração transmitem uma certa espontaneidade e são marcados pelo anonimato, característico da produção coletiva, as narrativas denominadas “estéticas” – romances, contos, novelas – incorporam características mais artificiais e compõem o sistema que agrega as obras literárias.

PASSO 1 - Apresentando o gênero “conto”

Na apresentação do gênero, é preciso enfatizar sua importância para a literatura nacional, mostrando que, no Brasil, grandes escritores tiveram, na produção do conto, grande projeção. Exemplos não faltam: textos de Machado de Assis, Mário de Andrade, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, entre outros, são leitura obrigatória para os amantes de literatura.

Neste passo, seria interessante propor a leitura de contos e sua comparação com os filmes a que deram origem. Seria uma forma de o aluno fazer uma leitura mais cuidadosa do texto em prol da busca, no filme, dos detalhes da história lida, além da

observação do ponto de vista do autor ao fazer a transposição da obra escrita para a tela de cinema.

Alguns contos e filmes que podem ser utilizados neste passo são os seguintes:

Conto/Autor	Filme/Ano
<i>O Presente Inusitado</i> (Paulo Berri)	<i>O Presente Inusitado</i> (2011)
<i>A poeira dos pequenos segredos</i> (Geraldo Maciel)	<i>A poeira dos pequenos segredos</i> (2012)
<i>Embargo</i> (José Saramago)	<i>Embargo</i> (2010)
<i>O bebê de tarlatana rosa</i> (João do Rio)	<i>O bebê de tarlatana rosa</i> (2011)
<i>Pinóquio</i> (Carlo Collodi)	<i>Pinóquio</i> (1940)
<i>Realidades adaptadas</i> (Philip K. Dick)	<i>O vingador do futuro</i> (2012)
<i>A festa de Babette</i> (Isak Dinesen)	<i>A festa de Babette</i> (1987)
<i>O curioso caso de Benjamin Button</i> (F. Scott Fitzgerald)	<i>O curioso caso de Benjamin Button</i> (2008)

Para que esta atividade possa ser realizada de forma mais eficaz, você pode fornecer ao aluno um roteiro de análise com o intuito de que ele faça anotações durante a leitura do conto e também posteriormente, no momento em que assistir ao filme. Pode-se requisitar, neste contexto, que ele observe alguns elementos importantes como *foco narrativo, personagens, tempo, espaço e conflito*. Esta proposta revisa um descritor já trabalhado no primeiro ciclo e que será muito útil para a compreensão do descritor sobre elementos do enredo.

PASSO 2 - Analisando a estrutura do enredo

O conto, devido à sua curta extensão, permite que seja feita, durante a própria aula, uma leitura compartilhada em sua totalidade. Essa leitura compartilhada pode vir a

facilitar a compreensão da narrativa e sugerir modos de interpretação dos quais o aluno pode se apropriar para a leitura futura do romance.

Para organizar a leitura, é preciso entender que não é suficiente que a história tenha começo, meio e fim, mas que haja também um elemento básico e estruturador da narrativa, algo que gere tensão e prenda a atenção do leitor. Esse elemento é o conflito, que possibilita ao leitor-ouvinte criar expectativas frente aos fatos do enredo e, por isso, determina as partes do enredo.

Um bom exemplo para a análise da estrutura clássica do enredo é o conto *A cartomante*, de Machado de Assis. Por meio da leitura do texto sugerido, os alunos podem ser convidados a identificar as partes principais do enredo (a apresentação, a complicação, o clímax e o desfecho), conforme o quadro que se segue.

<p>ENREDO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conjunto de fatos que compõem a história (intriga, trama). • Os fatos, organizados numa relação causa-efeito, criam uma ilusão de verdade 	<p>Estrutura clássica:</p>	<p>1. Apresentação ou exposição: descrição dos personagens, do tempo e/ou do espaço.</p>
<p>2. Complicação: parte em que se desenvolve o conflito.</p>		
<p>3. Clímax: momento de maior tensão da narrativa.</p>		
<p>4. Desfecho ou conclusão: a solução dos conflitos.</p>		
<p>Obs.: Algumas narrativas apresentam um <i>enredo psicológico</i>: os fatos nem sempre são evidentes, ou seja, não equivalem a ações concretas, mas a movimentos interiores.</p>		

O conto de Machado pode ser utilizado também em uma atividade de comparação com o texto de Lima Barreto apresentado no Roteiro de Atividades, que apresenta o mesmo título: *A cartomante*. Como as histórias são bem diferentes, apesar

de possuírem títulos idênticos, a comparação do enredo das duas pode propiciar uma compreensão mais completa do descritor em questão.

Neste passo, é mister ressaltar que a apresentação de quadros é bastante comum em livros didáticos. Portanto, qual seria a inovação em apresentar mais um? Na verdade, a mera apresentação não importa tanto quanto o processo de construção do conhecimento. Antes de se mostrar o quadro com a estrutura clássica, podem ser retirados os nomes das partes do enredo e suas respectivas definições, para que, paulatinamente, eles sejam preenchidos pelos alunos em sala de aula.

Ao construir as informações da esquerda para a direita, você poderá hierarquizá-las, o que auxiliará os alunos a compreendê-las. Assim, você trará aos alunos, primeiramente, a informação sobre enredo. Poderá perguntar, por exemplo: “Do que trata a história?”, “Qual é o seu mote?”, “Se lhes pedissem para falar a respeito dela, o que diriam?”. Essas são perguntas simples que ajudariam a compor uma definição de enredo.

O mesmo procedimento poderia ser adotado para a identificação das partes do enredo. Pela sua condução, o preenchimento do quadro continuaria sendo uma produção conjunta. Seu papel básico seria o de auxiliar na estruturação das frases, mas, principalmente, provocar a contribuição dos alunos.

PASSO 3: Conceituando e diferenciando as figuras de linguagem

As figuras de linguagem são recursos linguísticos que o falante ou escritor utiliza para dar maior expressividade à sua mensagem. Identificar sua presença nos textos literários auxilia na compreensão e permite observar a beleza da linguagem e o significado simbólico das palavras e dos textos.

É necessário ressaltar que, apesar da expressividade alcançada com a utilização das figuras de linguagem ser um recurso comum da literatura, elas também estruturam as falas cotidianas. A forma como pensamos, como vivemos o nosso cotidiano, como nos relacionamos com as pessoas, por exemplo, são traduzidas por metáforas conceituais.

Você pode, portanto, partir dessa perspectiva para que os alunos compreendam melhor a expressividade alcançada pela utilização das figuras de linguagem. É preciso que eles entendam que o uso dessas figuras é comum tanto nos discursos cotidianos quanto nos textos literários. Essa estratégia pode representar, assim, um dos primeiros passos para desmistificar a dificuldade no aprendizado de figuras.

Atividade 1

Para iniciar essa dinâmica, a turma pode fazer a atividade individualmente, em duplas ou em grupos. O seu início compreende a leitura dos contos selecionados pelo professor e a identificação das palavras ou expressões com sentido figurado.

Nesta atividade, alguns dos contos que podem ser utilizados são:

- “E vem o sol” de João Anzanello Carrascoza
- “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa
- “O búfalo” de Clarice Lispector
- “O poço” de Mario de Andrade
- “O gato preto” de Edgard Allan Poe
- “Negrinha” de Monteiro Lobato
- “Uns braços” de Machado de Assis

- “A moça tecelã” de Marina Colassanti
- “Uma história de mil anos” de Monteiro Lobato

A partir dessa seleção, os alunos ou equipes devem listar essas expressões ou palavras com sentido figurado e fazer uma breve explicação de como alcançaram o sentido conotativo da palavra ou expressão.

Somente a partir da identificação das palavras ou expressões em seu sentido figurado, você deverá apresentar uma listagem com as classificações e os conceitos das principais figuras de linguagem. Como na apresentação dos elementos do enredo, você poderá construir um quadro em conjunto. Entretanto, os alunos apresentariam, primeiramente, o entendimento sobre cada passagem que tenham destacado.

Perguntas motivadoras que impliquem justificativas para a escolha das passagens podem auxiliar na construção das definições. Caberá a você, então, filtrar as explicações e ajudá-los na classificação das figuras.

Para facilitar essa análise, você poderá utilizar quadros-síntese como os que se seguem. Eles poderão ser alterados conforme o andamento da aula e o ritmo da turma. Algumas figuras podem ser acrescentadas – como o anacoluto, por exemplo – e outras, não mencionadas. Além disso, você pode aprofundar a explicação de figuras mais comuns – como a metáfora – e sintetizar as definições, evitando termos rebuscados e complexos.

FIGURAS DE PALAVRAS	CONCEITO
Metáfora	É o mecanismo por meio do qual um termo é utilizado para substituir outro através de uma relação de semelhança. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo não está expresso, mas subentendido.

Comparação	É a aproximação entre dois elementos que se identificam, ligados por conectivos comparativos explícitos - “feito”, “assim como”, “tal”, “como”, “tal qual”, “tal como”, “qual”, “que nem” - e alguns verbos – “parecer”, “assemelhar-se” e outros.
Metonímia	Figura caracterizada pela substituição de uma palavra por outra, havendo entre ambas algum grau de semelhança, relação, proximidade de sentido ou implicação mútua. A substituição do todo pela parte é o mecanismo mais comum utilizado em processos metonímicos que são tão comuns quanto os metafóricos.

FIGURAS DE PENSAMENTO	CONCEITO
Ironia	É figura de linguagem que, pelo contexto, entonação, contradição de termos, indica o contrário do que as palavras ou orações parecem exprimir. A intenção é, normalmente, depreciativa ou sarcástica
Antítese	Recurso utilizado para aproximar palavras ou expressões de sentidos opostos.
Eufemismo	Mecanismo que consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste ou trágica com palavras amenas.

FIGURAS DE PENSAMENTO	CONCEITO
Personificação ou prosopopéia	É a figura que atribui movimento, ação, fala, sentimento, enfim, características próprias de seres animados, a seres inanimados ou imaginários.

FIGURAS DE SINTAXE	CONCEITO
Elipse	É a figura em que há omissão de um termo ou oração que facilmente podemos identificar ou subentender no contexto. Pode ocorrer na supressão de pronomes, conjunções, preposições ou verbos. É um poderoso recurso de concisão e dinamismo.
Pleonasm	Como recurso de expressividade, é a reiteração de um ideia subentendida. Também entendida em alguns contextos como redundância.

Atividade 2

A primeira atividade, um pouco mais tradicional, pode ser complementada pela análise de manchetes de jornais populares, cujo trabalho com figuras de linguagem é bem interessante. Como ilustração, destaca-se esta capa do jornal *Meia Hora*:



A notícia da morte de um traficante, cujo vulgo era “Matemático”, oportuniza ao jornalista responsável a criação de vários trocadilhos com base em figuratividade. Evidencia-se, assim, a estratégia de utilizar-se da extensão de significados de algumas palavras em que se recorre ao campo semântico da matemática. Partindo dessas associações, você pode:

- a) Utilizar a expressão popular “Comer capim pela raiz”, explicando que se trata de um eufemismo para morte. Incentive os alunos a trabalhar com a noção de espaço, que os levará à significação da expressão. Perguntas simples como “Onde fica a raiz das plantas?” e “Como se pode alcançá-las?” atuariam a significação de morte.
- b) Trabalhar o conceito de metáfora a partir de “subtrair”. Busque o valor denotativo da expressão e aplique a extensão de significado posteriormente com “subtrair vida” = “tirar a vida”. Explique a relação de semelhança que se aplica, localizando a metáfora.

Essa estratégia, além de enriquecer sua aula, poderá reforçar a ideia de que as figuras de linguagem são recursos comuns tanto na linguagem literária como na linguagem não literária. É o momento certo para mostrar a riqueza de recursos de que dispomos na criação de significados.

Como Avaliar?

Para avaliar esta sequência didática, é importante observar se o aluno consegue estabelecer, através de um processo comparativo, as relações entre o conto e os demais gêneros estudados anteriormente. O aluno deve, portanto, após a leitura de textos canônicos, ou seja, de contos ou crônicas com características bem marcantes de cada gênero estudado, apontar as diferenças que sejam mais aparentes na classificação dos textos escolhidos.

Além disso, para que o trabalho com os contos seja mais rico, é interessante verificar se os alunos conseguem identificar as principais figuras de linguagem e explicar o sentido que elas podem sugerir no texto. No entanto, é importante ressaltar que nem sempre a identificação das figuras de linguagem garante ao leitor condições de classificá-las adequadamente. Portanto, são observações que devem ser avaliadas sequencialmente: a) identificar a expressão, frase ou palavra com sentido conotativo; b) verificar se o aluno relaciona o “novo” sentido, o conotativo, ao sentido denotativo, buscando semelhanças entre os seus campos semânticos; e c) observar se o discente alcançou a identificação/classificação da figura de linguagem empregada.

Sequência didática 2: Os elementos da narrativa no conto

Nesta segunda sequência, foram agrupados dois descritores de *Leitura* e um de *Uso da Língua* que, por se referirem aos textos narrativos, podem contribuir para a identificação do papel da oralidade para os africanos e os indígenas.

Eixo Leitura:

- Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.
- Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e o africano.

Eixo Uso da Língua:

- Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

INTRODUÇÃO

O trabalho com o gênero “conto” permite trazer à cena, de forma contextualizada, os contos orais de matriz indígena e africana. Mais do que atender a um

dispositivo legal¹, a análise de narrativas indígenas e africanas na sala de aula contribui para que os alunos tenham uma compreensão inicial acerca do hibridismo cultural que marca nosso país. Possibilita, também, a discussão de questões etnicorraciais muito importantes para a convivência sadia e respeitosa dentro e fora da escola.

Em relação ao conto oral, é preciso lembrar que as narrativas indígenas e as africanas sustentaram-se por séculos, na oralidade, por meio da transmissão de histórias verdadeiras de antepassados, narrativas de guerras, fatos antigos ou, até mesmo, ficcionais. A tradição da transmissão oral foi mantida de geração em geração, e muitas foram recuperadas e/ou reescritas, o que permitiu que os contos indígenas e africanos conseguissem chegar aos dias atuais.

PASSO 1: Apresentando os elementos da narrativa

Um traço distintivo do conto perante outros gêneros – que, todavia, não deve ser considerado isoladamente – é a curta extensão. De sua brevidade, derivam outras características que acabam por influenciar quase todos os seus elementos constituintes: personagens, tempo, espaço, narrador e enredo (já apresentados na sequência didática 1).

Para auxiliar na dinâmica que será sugerida posteriormente nesta sequência, você poderá apresentar aos alunos os quadros que seguem:

¹ A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, torna obrigatória, nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. O texto da lei enfatiza que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm Acesso em 08 de abril de 2013.

<p>NARRADOR</p> <p>Elemento organizador de todos os outros componentes, responsável pela aproximação entre o que é narrado e o leitor do texto.</p>	<p>Observador:</p> <p>Posiciona-se fora dos fatos narrados (discurso em 3ª pessoa).</p>	<p>Sob qual PONTO DE VISTA?</p> <p>A visão DE FORA: limita-se ao que observa, sem poder captar pensamentos, emoções ou intenção dos personagens.</p> <p>A visão COM: limita-se ao saber da própria personagem sobre si mesma e sobre os acontecimentos que a cercam.</p> <p>A visão POR TRÁS: domina todo um saber sobre a vida da personagem e sobre a história.</p>	<p>Neutro: no encadeamento dos fatos, busca a imparcialidade, “escondendo-se” na ação dos personagens.</p>
		<p>Intruso: comenta, criticamente, fatos da história; tece relações sobre trechos da obra; dirige-se, diretamente, ao leitor.</p>	
<p>Personagem: atua como testemunha dos fatos narrados, podendo ser o protagonista da história (discurso em 1ª pessoa).</p>			
<p>TEMPO</p> <p>Momento histórico em que se realiza o enredo.</p>	<p>Cronológico: transcorre na ordem natural dos fatos no enredo; é mensurado, pois, em horas, dias, meses, anos...</p>		
	<p>Sequência não linear: marcada por antecipações, retomadas (<i>flashback</i>), resumos e elipses (omissões de determinados acontecimentos) e digressões (comentários paralelos).</p>		
	<p>Psicológico: determinado pela imaginação do narrador ou das personagens.</p>		

ESPAÇO

O lugar físico onde se passa a ação narrada. Influencia diretamente no desenvolvimento do enredo, unindo-se ao tempo.

Obs.: Não podemos confundir o espaço com a *ambientação*: o conjunto de traços socioeconômicos, morais e psicológicos em que se inserem as personagens.

Atividade 1

Após a apresentação das informações teóricas, você poderá continuar com os seguintes procedimentos:

- a) Pedir aos alunos que identifiquem quem “conta” a história. Um observador afastado dos fatos ou um narrador que está envolvido no enredo? Essa identificação é possível através da flexão das pessoas dos verbos no conto ou pela utilização de pronomes.
- b) Solicitar aos alunos que identifiquem o momento histórico narrado no conto. É um texto temporal, com marcação de tempo, ou atemporal, sem “pistas” que possam identificar a data de sucessão dos fatos? O tempo é cronológico ou não linear?
- c) Pedir para os alunos identificarem as descrições dos objetos e dos lugares, a fim de estabelecer o espaço na narrativa.
- d) Solicitar que os alunos identifiquem e classifiquem as personagens, quanto à sua apresentação, através das descrições ou das ações.
- e) Pedir, por fim, que os alunos identifiquem o desenvolvimento da complicação e solicitar que a relacionem com os outros momentos da narrativa, como o clímax e o desfecho.

Mais uma vez, essa primeira estratégia pode ser complementada por atividades extras, conforme o nível da turma, o conhecimento compartilhado etc. Tais informações podem e devem ser utilizadas por você no andamento das aulas para identificar o melhor procedimento a ser adotado.

Atividade 2

Algo bem interessante com que se pode trabalhar são os *Role Playing Games* (RPGs), muito populares entre adolescentes (e até entre adultos!). Nesse tipo de jogo, assumem-se papéis de personagens e as narrativas são construídas colaborativamente.

O portal RPG online (<http://www.rpgonline.com.br/>) disponibiliza a participação nos jogos. Os alunos poderiam inscrever-se no site e, posteriormente, relatar as atividades da narrativa (Quem são as personagens envolvidas? Os colegas de sala participam juntos? Qual é o espaço em que ocorre a aventura?). A utilização dessa estratégia pode gerar bons frutos, já que as características das personagens, normalmente, incluem poderes sobrenaturais que funcionam por meio da colaboração.

PASSO 2: Destacando a importância do conto oral

Em diferentes sociedades, os contos da tradição oral assumiram diversas formas. No Brasil, apresentam aspectos bastante diversificados – tendo sido classificados como *contos de exemplo, de animais, de encantamento, cômicos, religiosos, adivinhação, acumulativos, etiológicos, demônio logrado e ciclo da morte*. Esses contos foram fundamentais para a difusão e popularização das culturas indígena e africana no nosso país. No entanto, é necessário esclarecer que, nesses povos, o conto tem papel fundamental na transmissão dos ensinamentos, pois ultrapassam o lúdico e ampliam o conhecimento através do seu caráter didático.

Apesar de algumas comunidades brasileiras preservarem o legado cultural dos indígenas e dos africanos, vale ressaltar que, uma vez transmitida essa narrativa para a escrita, ela deixa de fazer parte da transmissão oral da literatura e passa a representar a oratória² recriada, que seria a representação da oralidade na literatura de tradição africana.

Atividade

Uma possível atividade para o trabalho com contos orais pode ser feita por meio da realização de uma pesquisa por parte dos alunos que pode seguir as seguintes etapas:

- a) Estimular o aluno a lembrar de alguma história que já ouviu na infância e a contá-la para os colegas de turma. Essa história seria um bom exemplo de narrativa oral.
- b) Solicitar que os alunos pesquisem, na Internet ou em bibliotecas, contos africanos, indígenas ou brasileiros de origem africana e indígena.
- c) Pedir que comparem as histórias que encontraram com outras que já ouviram em sua infância, sejam de personagens bíblicos, entidades religiosas etc.
- d) Sugerir, após a apresentação dos exemplos dos alunos e dos contos pesquisados, uma comparação: pergunte, aos discentes, como as histórias ouvidas poderiam influenciar em sua personalidade e como os contos poderiam contribuir para a construção da identidade dos povos representados nessas narrativas.
- e) Para finalizar a pesquisa, auxiliar os alunos na interpretação do conto, na identificação de um traço cultural e na observação da relevância desse traço na cultura indígena ou africana (se necessário, com uma nova pesquisa).

² Cf. PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: EDUFF, 1995.

PASSO 3 - Comparando o discurso direto e o indireto

Depois das aulas dos elementos da narrativa, os alunos podem observar que o envolvimento ou não das vozes das personagens no discurso do narrador determina que tipo de discurso foi utilizado: o direto ou o indireto. O discurso direto é a reprodução textual da fala das personagens, e o discurso indireto, a incorporação da fala das personagens à linguagem do narrador.

No discurso direto, o narrador cede a fala à personagem e a reproduz integralmente, utilizando travessão ou aspas. Essa fala é, normalmente, acompanhada por um verbo de elocução, ou *dicendi*, seguido de dois-pontos. Segundo Garcia, verbos como “disse”, “respondeu”, “perguntei”, indicam, no discurso direto, quem está com a palavra e fazem parte de orações justapostas, independentes.

Já no discurso indireto, o narrador incorpora a sua voz à fala ou ao pensamento da personagem. Há, novamente, a presença do verbo *dicendi*, e esses verbos constituem o núcleo do predicado da oração principal, cujo complemento é representado por orações encaixadas, introduzidas por conectivos.

Saber identificar o tempo, modo, pessoa do verbo *dicendi* é de suma importância, pois, através desse verbo, o aluno pode identificar o interlocutor que está com a palavra. Contudo, tão importante como as questões gramaticais advindas do uso desses verbos são os sentidos sugeridos ao leitor, por conta de sua significação. Alguns, inclusive, nem são classificados como *dicendi*, mas *sentiendi*, como os casos de “gemer”, “suspirar”, “queixar-se”, muito utilizados no discurso direto.

Como estratégia para internalizar a utilização dos diferentes tipos de discurso, sugerir que os alunos façam exercícios de transformar os discursos diretos em indiretos e vice-versa, para que possam compreender o emprego dos verbos e a sintaxe dos dois casos. Para facilitar esse exercício, apresente um quadro com alguns exemplos de transposição de discurso, como o que se segue.

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
<p>Enunciado em primeira ou em segunda pessoa:</p> <p>Disse o detento:</p> <p>“Eu não confio mais na Justiça”;</p> <p>“Delegado, o senhor vai me prender?”</p>	<p>Enunciado em terceira pessoa:</p> <p>O detento disse que (ele) não confiava mais na Justiça. Logo depois, perguntou ao delegado se (ele) iria prendê-lo.</p>
<p>Verbo no presente:</p> <p>Disse o detento:</p> <p>“Eu não confio mais na Justiça.”</p>	<p>Verbo no pretérito imperfeito do indicativo:</p> <p>O detento disse que não confiava mais na Justiça.</p>
<p>Verbo no pretérito perfeito:</p> <p>“Eu não roubei nada.”, defendeu-se o acusado.</p>	<p>Verbo no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito:</p> <p>[O acusado defendeu-se], dizendo que não tinha roubado (que não roubara) nada.</p>
<p>Verbo no futuro do presente:</p> <p>“Faremos justiça de qualquer maneira”</p>	<p>Verbo no futuro do pretérito:</p> <p>Declararam que fariam justiça de qualquer maneira.</p>
<p>Verbo no imperativo:</p> <p>“Saia da delegacia” - disse o delegado ao promotor.</p>	<p>Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo:</p> <p>O delegado <i>ordenou</i> ao promotor que saísse da delegacia.</p>
<p>Pronomes este, esta, isto, esse, essa, isso:</p> <p>“A esta hora não responderei nada.”, tentou justificar-se à imprensa o gerente da empresa.</p>	<p>Pronomes aquele, aquela, aquilo:</p> <p>[O gerente da empresa tentou justificar-se], dizendo que àquela hora não responderia nada [à imprensa.]</p>

Advérbio aqui: “Daqui eu não saio tão cedo.”, certificou o grevista, dirigindo-se aos policiais.	Advérbio ali: O grevista <i>certificou</i> os policiais de que dali não sairia tão cedo.
--	--

Como Avaliar?

Para avaliar esta sequência didática, é necessário observar se o aluno reconhece a importância do conto oral para o povo africano e o indígena. Avaliar esse reconhecimento nem sempre é tarefa fácil; todavia, através da leitura do conto sugerido no Roteiro de Atividades (“Como nascem as estrelas do céu”), é possível observar se os alunos percebem a afinidade que esses povos têm com a oralidade, como veículo transmissão de valores, crenças e costumes.

Em relação ao descritor de uso da língua, no estudo dos contos, é importante verificar se o aluno compreende que, no gênero estudado, há estratégias do autor na construção do foco narrativo. Ele deve ser indagado, oralmente ou através de avaliações escritas, sobre essa estratégia de alternância de vozes no texto narrativo, pois os discursos direto e indireto estão diretamente ligados ao envolvimento do narrador no enredo e à construção sintática do discurso, bem como ao emprego dos verbos *dicendi*.

O aluno precisa observar que, no discurso indireto, há maior envolvimento do narrador, pois ele incorpora a voz da personagem; e, no discurso direto, o narrador apenas apresenta a fala da personagem, conferindo certa “liberdade” na sua construção ideológica.

Sequência didática 3: Produzindo uma narrativa

A sequência final propõe atividades com um descritor de Leitura e um do eixo Produção Textual. Espera-se que o aluno tenha desenvolvido, anteriormente, as habilidades relacionadas à Leitura e ao Uso da Língua que sirvam de ferramentas à construção de seu texto. Como sugestão, é interessante identificar e comparar os gêneros “crônica” e “conto”, para iniciar a atividade de produção da narrativa com ênfase no conto.

Eixo Leitura:

- Identificar e comparar os gêneros em questão.

Eixo Produção Textual:

- Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

INTRODUÇÃO

No primeiro ciclo deste bimestre, o gênero estudado foi a crônica e, no segundo ciclo, a ênfase recaiu sobre o conto. Desse modo, para produzir sua narrativa, o aluno deve identificar e comparar os dois gêneros textuais. Inicialmente, seria interessante que o aluno pudesse ter contato, mais uma vez, com o descritor de leitura “*Identificar e comparar os gêneros em questão*”, para, a partir dele, planejar a narrativa que deverá produzir.

PASSO 1: Comparando os gêneros “crônica e “conto”

É natural que os dois gêneros possam ser confundidos pelos alunos, pois a própria crítica literária aponta que os limites que os separam são, muitas vezes, tênues. Levando-se em consideração a essência narrativa do conto e o fato de existirem inúmeras crônicas que não figuram como comentários ou reflexões do autor, mas sim como pequenas narrativas, é ainda mais fácil compreender a possível dificuldade que se apresenta aos alunos.

O que poderá contribuir para esta atividade – e ajudar a sanar as eventuais dificuldades – será, num primeiro momento, a habilidade de o aluno distinguir o texto ficcional do não ficcional. Conforme foi possível observar no trabalho do 1º ciclo, a crônica, muitas vezes, pode se distanciar da ficcionalidade, já que pode estar configurada como um comentário do autor sobre um fato do cotidiano ou como uma reflexão sobre um tema que lhe toca. Por sua vez, o conto literário é necessariamente ficcional. Nesse sentido, quanto maior for a habilidade do aluno em distinguir a ficção da não ficção, menor será sua dificuldade em diferenciar a crônica do conto.

Para facilitar a identificação desses dois gêneros e poder compará-los, é importante focalizar a estrutura básica dos dois gêneros, conforme o quadro que se segue:

ESTRUTURA BÁSICA DA CRÔNICA	ESTRUTURA BÁSICA DO CONTO
<p>Título – indicador da posição do autor.</p> <p>Introdução – identificação do fato ou circunstância que motivou a crônica.</p> <p>Desenvolvimento – reflexão do autor sobre o fato, circunstância ou pessoa que motivou a crônica.</p> <p>Conclusão – arremate da crônica, com uma ideia global, que sistematiza e traz à evidência o resultado da reflexão do autor.</p>	<p>Título – indicador de uma síntese da história narrada.</p> <p>Apresentação – identificação das personagens e do cenário.</p> <p>Complicação – problemas apresentados pelo narrador e iniciados pelas personagens.</p> <p>Clímax – ponto-chave da narrativa, parte mais tensa da história.</p> <p>Desfecho – solução da complicação.</p>

Atividade

Uma atividade possível é a realização de uma dinâmica contendo as seguintes etapas:

- a) Apresentar dois textos: uma crônica e um conto, sem identificar seus gêneros. Seria interessante que os temas fossem semelhantes, a fim de criar um diálogo mais direto entre os dois textos. Também é importante que sejam selecionados textos mais prototípicos, ou seja, com características mais marcantes da crônica e do conto.
- b) Analisar, junto aos alunos, os textos, identificando a estrutura básica de cada um. Se ele se encaixa no modelo do quadro da esquerda, ele será identificado como uma crônica. Se denota a estrutura narrativa mais definida como o da coluna da direita, ele pode ser identificado como um conto.
- c) Finalizando a dinâmica, pedir aos alunos que sublinhem – com canetas coloridas, canetas marca-texto e/ou lápis de cores – as partes básicas da crônica e do conto, a fim de ilustrar as partes características de cada gênero.

Como sugestão para ampliar essa dinâmica, seria interessante que fossem confeccionadas, pelos alunos, caixas de gêneros textuais. Como, no bimestre, os objetos de estudo são o conto e a crônica, podem ser feitas duas caixas, das de sapato, para os alunos pesquisarem textos, classificá-los e os armazenarem nas caixas. Essas caixas não seriam apenas repositórios de textos, mas fonte de consulta e troca de experiência de leitura entre os alunos.

PASSO 2: Orientando a produção de textos narrativos

Estimular o aluno a produzir texto não é tarefa fácil, porém ela faz parte das habilidades a serem desenvolvidas no bimestre e, se forem aliadas às estratégias interessantes, podem proporcionar excelentes resultados.

Na escola, geralmente, as tarefas de produção textual, são recebidas pelos alunos com certa resistência. Por isso, seguem algumas dicas de como ambientar o aluno para que ele seja estimulado a construir uma narrativa:

- propor um concurso literário de contos, a partir de uma história sugerida ou da reescrita de um conto estudado em sala de aula;
- sugerir aos alunos que criem um blog literário e postem seus contos. Isso deve ser feito com o auxílio do professor para que não haja conteúdo impróprio;
- sugerir a pesquisa em comunidades de contos literários no *orkut*, no *facebook* ou no *twitter*, em que há contos de até 160 caracteres (microcontos/nanocontos), e estimulá-los a produzir essa modalidade no ambiente virtual;
- publicar as produções em uma pequena revista, ou livreto, quando possível, mesmo que de maneira artesanal, para estimular os alunos à autoria;
- pesquisar os concursos literários de contos, crônica e poesias que estão abertos para o público, se atualizar das regras de participação e divulgar para os alunos;
- convidar um escritor conhecido ou não pela comunidade escolar para falar sobre a sua produção e aproveitar a ocasião para fazer uma oficina de contos com outro professor que não dê aula para a turma, pois, às vezes, um colega de trabalho pode explorar o assunto de maneira diferente.

PASSO 3: Apresentando as etapas da produção de uma narrativa (conto)

Neste passo, é importante que o aluno se familiarize com as etapas que são imprescindíveis para a elaboração de um texto. Tais etapas são as que seguem:

a) Planejamento – Quando o aluno for construir uma narrativa, ele deve planejar cada etapa de composição desse texto. Quem e quantos serão as personagens? Em que espaço ou ambiente ocorrerá a narrativa? O narrador será um narrador-observador ou a personagem protagonista? Qual será o tema do conto? E o título? Não esquecer de que este deverá ser enigmático e, ao mesmo tempo, resumir a temática abordada. Também faz parte do planejamento um esboço do enredo do conto, com possíveis desfechos, para que o autor possa optar por aquele que entenda como mais envolvente.

b) Escrita – Na fase de escrita, o aluno deverá ser capaz de compreender os limites estruturais e temáticos definidos no planejamento. É a fase mais difícil da produção textual. Além de ter que materializar e expandir as ideias esboçadas na etapa anterior, ainda será necessário adaptar-se às mudanças que surgem ao longo da escrita e exigem estratégias novas de produção, uma vez que novas ideias vão se incorporando, enriquecendo o texto.

Um bom recurso é o *brainstorm* (tempestade cerebral), em que o aluno associará todas as informações pertinentes ao tema, de maneira aleatória. Na sequência, buscará elo entre essas informações – que poderão ser palavras ou frases soltas –, estabelecendo relação de coerência entre elas. A partir daí, o aluno poderá transcrever as ideias e partir para a produção propriamente dita.

c) Revisão – Nessa fase, o texto já tem um formato definido, mas é preciso fazer os ajustes de ortografia, coesão e coerência. É o momento para modificar um vocábulo ou outro com sentido mais específico, rever possíveis repetições de palavras. Também nessa etapa, observam-se as construções sintáticas das frases/orações, corrigindo as regências e concordâncias. Além disso, quando se tratar de texto digitado, a formatação de ser revista também, pois é um detalhe bastante importante na apresentação de qualquer texto. Solicite aos alunos que troquem de textos entre si. Os colegas oferecerão uma visão externa que contribuirá na identificação de problemas diversos – coesão e coerência, principalmente.

Como Avaliar?

Os descritores de *Leitura e Uso da Língua* são importantíssimos para a consolidação da proposta de produção textual do bimestre. Afinal, no reconhecimento da estrutura do gênero estudado, o aluno internaliza a tipologia narrativa, a fim de compor um texto a partir dos modelos propostos.

Na atividade de produção textual, é necessário observar os seguintes critérios, para não privilegiar somente uma competência:

- quanto à estrutura do gênero estudado: confirmar a presença dos elementos da narrativa (tempo, espaço, personagens, narrador e enredo). Apesar de o descritor solicitar que o aluno planeje e produza um texto narrativo com base nos gêneros estudados, e neste ciclo, focalizarmos o conto, o aluno pode inserir elementos dos dois gêneros do bimestre;
- quanto à coesão e coerência: observar, com cuidado, as coordenações das ações, na progressão temporal, a existência de repetições gratuitas e o emprego adequado das conjunções;
- quanto ao domínio da norma padrão: verificar se o registro e as variantes linguísticas estão adequadas à situação de produção do texto escrito. Também é importante observar se a pontuação, a ortografia, a colocação pronominal, a sintaxe de concordância e a regência estão adequadas ao registro utilizado pelo aluno – tendo em vista o contato que o aluno já tenha tido com esses conteúdos até o 9º ano do Ensino Fundamental;
- quanto à capacidade de criatividade: considerar a originalidade com que a temática foi trabalhada. É importante verificar se o aluno produziu um texto baseado em temáticas apresentadas ou adaptadas de colegas de turma ou se ele inovou no ato de criar a história e apresentou algo mais autêntico.

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e suas avaliações, é apresentada, a seguir, uma lista comentada com algumas das mais significativas e acessíveis fontes que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

LEITURA

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo e conflito.

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Textos Teóricos

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

Neste livro, a professora e pesquisadora Cândida Vilares sumariza as possibilidades estruturalistas de análise de romances e contos. Após focalizar a evolução do gênero narrativo – da epopeia ao romance burguês –, a autora aborda os elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador (pp. 5-17).

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2000.

Neste livro, a autora analisa, entre as páginas 42-54, os principais elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e foco narrativo. O livro serve como uma ferramenta a instrumentalizar o professor no trabalho com essas categorias de análise.

Livros didáticos

CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em construção**. 2. ed. São Paulo: Ed. Moderna 2001.

No capítulo 7 (pp. 68-93), o autor apresenta sob uma linguagem clara e objetiva todos os elementos da narrativa (narrador, tempo, espaço, personagens e enredo). Essa apresentação está acompanhada de exemplos de textos narrativos e exercícios para aplicação das categorias teóricas trabalhados.

CEREJA, Willan Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: linguagens**. 8ª série, 4ª ed. São Paulo: Editora Atual, 2006.

Nas páginas 81 e 82, os autores apresentam um quadro sobre a estrutura típica de enredo e propostas de questões nas quais os alunos precisam identificar essa estrutura no texto “Tentação”, de Clarice Lispector. Entre as páginas 98-101 os autores trabalham os elementos tempo e espaço, de forma teórica e prática.

KANASHIRO, Áurea Regina (Ed.) **Projeto Araribá**. 8ª série. São Paulo: Moderna, 2006.

Nas páginas 50-56, o livro trabalha com o gênero textual conto. Após a leitura de um conto, os alunos são expostos a atividades que envolvem a identificação dos elementos da narrativa e a dos elementos do enredo, a partir de um conto de Moacyr Scliar.

TERRA, Ernani e CAVALLETE, Floriana. **Português para todos**. 8ª série. São Paulo: Ed. Scipione, 2002.

Na página 109, há um resumo bastante claro sobre os elementos do enredo. Lançando mão de uma comparação com história de filmes, os autores explicam em que consiste cada uma das partes constituintes do enredo (a apresentação, o conflito, o clímax e o desfecho).

Identificar e comparar os gêneros em questão.

Textos teóricos

ARAPIRACA, Mary. Narrativas fazem sentidos. In: MUNIZ, Dinéia; SOUZA, Emília; BELTRÃO, Lícia (orgs.). **Entre textos, língua e ensino**. Salvador: UFBA, 2007. pp. 15-25.

O artigo de Mary Arapiraca traz uma estrutura narrativa, característica do conto, que pode servir de base ao professor. Além disso, suas referências, nas páginas 24 e 25 trazem materiais para abordagem de contos com os alunos.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Sérgio Costa traz, em seu *Dicionário de gêneros textuais*, além dos próprios verbetes,

uma introdução (pp. 14-27) que poderá dar base ao professor para o trabalho em sala de aula, principalmente sobre a comparação dos gêneros.

FREITAS, Jeferson José. **O jornal em salas de aula de educação de jovens e adultos: informação e cidadania.** Curitiba: Aymar, 2009.

Apesar de ser um livro direcionado à EJA, traz informações sobre o texto jornalístico. Dentre eles, a crônica. A seguir, algumas indicações para uso em sala de aula:

a) Página 23 – texto sobre curiosidades da imprensa. A crônica, texto muito veiculado em jornais, diz respeito, geralmente, à atualidade. Nesse trecho do livro, pode-se verificar que o intuito de veicular informação sempre teve, em si, algum objetivo crítico.

b) Página 61 em diante – o livro traz à baila o gênero cronístico, incluindo atividades para serem feitas em sala de aula. Além disso, há outros gêneros que podem dialogar com o conceito de crônica.

Livro didático

CEREJA, Willian e COCHAR, Thereza. **Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos.** 3.ed. São Paulo: Atual, 2009.

Nesse livro, temos a conceituação dos gêneros conto (pp. 283-317) e crônica (pp. 220-240) e atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. Além disso, é possível estabelecer, com os alunos, a comparação entre os gêneros utilizando os próprios exemplos apresentados pelo autor.

Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e o africano.

Texto teórico

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Corpo e voz nas narrativas orais angolanas e moçambicanas. In: LEITE, Eudes Fernando e FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (orgs.). **Oralidade e literatura: outras veredas da voz.** Londrina: Eduel, 2007. v. 3. pp. 141-151.

Essa trilogia publicada pela Eduel entre 2003 e 2007 apresenta uma série de ensaios importantes e minuciosos sobre o registro da cultura oral, abordando-o sob diversos ângulos. Trata-se de uma coletânea que demonstra o caráter significativo da oralidade.

Livros didáticos

BARBOSA, Rogério Andrade. **Contos ao redor da fogueira**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

Livro que foi classificado como **Altamente Recomendável Para Jovens**, na FNLIJ de 1989, traz exemplos da oralidade africana para trabalho em sala de aula. O autor também tem outras obras, como pode ser visto no site:

http://www.rogerioandradebarbosa.com/obras_publicadas.asp.

FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia. **Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

Contando histórias indígenas do Rio de Janeiro, o livro traz uma parte da cidade desconhecida pela maioria, que pode despertar a curiosidade e desafiar o alunado.

USO DA LÍNGUA

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Texto teórico

RIBEIRO, Manoel Pinto. **Gramática aplicada da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Metáfora, 2003.

Nas páginas 362 e 363, há uma breve explicação sobre a estilística da enunciação, que aborda, também, o uso dos verbos *dicendi*. Há exercícios estruturais para aplicação do conteúdo.

Livro didático

NICOLA, José e TERRA, Ernani. Os tipos de discurso. In: **Práticas de linguagem: leitura e produção de textos**. São Paulo: Editora Scipione, 2001. pp. 343-357.

Nesse capítulo, a partir de textos selecionados literários ou não-literários, os autores introduzem os conceitos das três vozes do discurso, propondo a observação da produção textual de forma diferenciada. Apontam para um questionamento sobre a arquitetura do texto, sem esquecer o trabalho com o arcabouço gramatical.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

Textos teóricos

GARCIA, Othon. M. **Comunicação em prosa moderna**. 26. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

Neste livro, Othon Moacyr Garcia ensina o leitor não somente a escrever com clareza e objetividade, mas, sobretudo, a pensar de forma coerente, aguçando seu senso crítico. Destacam-se as páginas 246-259, nas quais o autor analisa a construção de parágrafos descritivos e narrativos.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual**: o ensino da escrita. São Paulo: Parábola, 2009.

O livro, conforme destacado no título, é dedicado integralmente ao ensino de produção textual. Entre as páginas 158-170, o autor aborda as qualidades dos textos narrativos. Mais à frente, entre as páginas 232-240, apresenta e analisa o conto “O caso da vara”, de Machado de Assis, para, em seguida, tematizar os procedimentos a serem adotados na produção de textos narrativos.

Livros didáticos

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: linguagens**. 8ª série, 4ª ed. São Paulo: Editora Atual, 2006.

Nas páginas 82 e 83, são apresentados três trechos iniciais de contos de escritores brasileiros. Em seguida, sugere-se que o aluno dê continuidade narrativa a cada um dos contos lidos. Nas páginas 117-119, são apresentados diferentes exemplos de contos e, na sequência, os autores elaboram uma proposta de produção de conto.

DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. **Português: ideias e linguagens**. 8ª série, 12ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

Nas páginas 93-95, os autores relembram as características gerais dos contos e sugerem que os alunos elaborem um conto policial a partir das dicas que apresentam para a escrita da introdução, do desenvolvimento e do desfecho.

